

LIVROS E REVISTAS

FLORESTAN FERNANDES. *A sociologia numa era de revolução social*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1963, 378 págs. Biblioteca Universitária, Série 2, vol. 12.

O autor, que é titular da Cadeira I de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, reúne no presente volume ensaios que, à exceção do último sobre "A Empresa Industrial em São Paulo (Projeto de Estudo)", já haviam sido publicados alhures, conforme é indicado na Nota final (páginas 377 s.).

Todos êsses ensaios, mesmo os que, pelo título, pareciam abordar problemas de realidade sociológica, como "Reflexões sobre a mudança social no Brasil" (201-42), "Padrão e ritmo de desenvolvimento na América Latina" (243-99), "Economia e Sociedade no Brasil: análise sociológica do subdesenvolvimento" (300-27) e o último, já referido (328-64), versam exclusivamente sobre questões meta-sociológicas, como "O cientista brasileiro e o desenvolvimento da ciência" (11-47), — com um parágrafo especial acêrca da "negligência das ciências sociais" (23-28) —, "A sociologia

como afirmação" (51-88), "O Problema da Opção na Sociologia" (89-109), "A comunicação entre os sociólogos e o grande público" (110-44), "Possibilidade e limitações da investigação sociológica na América Latina" (147-75), "A crise das ciências sociais em São Paulo" (176-200).

Talvez por êsse motivo, bem como pelo fato de reeditar trabalhos elaborados entre 1957 e 1962, ressentem-se o livro de uma certa insegurança metodológica e ideológica, que o próprio autor apresentava, em 1957, como um estado de perplexidade pessoal: "Ao terminar meu curso, encontrei-me perplexo pelas dúvidas que me assaltavam sobre as mais variadas questões, sem saber ao certo como caracterizar a sociologia, seus problemas fundamentais e como abordá-los vantajosamente, tendo em vista as oportunidades de investigação existentes no Brasil. Precisei preparar e levar a cabo um duro plano pessoal de estudos, para encontrar resposta a questões que deveriam estar esclarecidas em minha mente como produto natural da influência dos próprios professores" (pág. 183).

Se é óbvio, por um lado, que todo início de carreira magisterial

ou científica comporta experiências pessoais análogas, não é menos certo, por outro, que o momento nacional brasileiro, essa "era de revolução social", leva a repensamentos desse gênero, mas, afinal de contas, também num país "subdesenvolvido" — como o adverte acertadamente o autor (pág. 172) — "a sociologia será o que os sociólogos souberem fazer que ela seja".

O último capítulo, apresentando o estudo sociológico da industrialização em São Paulo, pode significar a superação da fase de adolescência mental e narcisismo intelectual, que ainda entrava o desenvolvimento de boa parte da sociologia brasileira. — *P. C. Beltrão, S. J.*

RICHARD HOFSTADTER. *The American Political Tradition*. Vintage Books, Random House Inc. N. York, s/d. (1.^a ed. A. Knopf, 1948).

Tenta o autor uma interpretação do passado político-ideológico norte-americano em função das biografias de uma dúzia de grandes expoentes da história e da filosofia política americanas. O estilo é irônico e brilhante e em nada ortodoxo, sem preocupar-se com falsos ídolos e mitos históricos. Seu objetivo central é descobrir as origens da crescente preocupação dos americanos em relação "àquilo que foram", politicamente falando, o que traduz, segundo o autor, um sentimento de insegurança em relação ao presente e de incerteza quanto ao futuro. Daí a valorização e a idealização do pas-

sado. Não se trata de fato novo, pois é elemento básico nos últimos decênios da vida americana e segundo o autor "na política americana o desenvolvimento de uma mentalidade retrospectiva e nostálgica operou-se paralelamente ao lento declínio de uma fé tradicional". O mais significativo do livro é a correlação que o autor estabelece entre a evolução social e econômica e as características da ideologia política: pensava-se no futuro quando a concorrência e a empresa cresciam; no presente, quando elas floresciam; no passado quando (agora) a concentração, o gigantismo, os monopólios, reduziram ao mínimo a concorrência e a livre iniciativa.

No Cap. I, "Os Fundadores: uma época de realismo" (pág. 3), o autor demonstra que muito embora a Constituição fosse destinada a defender a "liberdade" contra os perigos da "democracia", daí o sistema de pesos e contrapesos, seus autores (JEFFERSON, ADAMS, MADISON, HAMILTON) tinham a exata noção do momento histórico que viviam e a consciência de estarem fundando novas instituições, para o futuro. O Cap. II, "Tomás Jefferson: o aristocrata como democrata" (pág. 18), analisa a superação da "democracia agrária" de JEFFERSON pelo capitalismo nascente dos "Federalistas", cujo programa acabou incorporado pelos "Republicanos". Nos dois capítulos seguintes, o III, "Andrew Jackson e a ascensão do capitalismo liberal" (pág. 45), e o IV, "J. C. Calhoun: o Marx da classe dominante" (pág. 68), o autor mostra a transição da fase formativa para a do apogeu, quan-

do o presente passa a ocupar o centro das preocupações políticas, empenhando-se o Norte e o Sul em conservar e difundir o tipo de sociedade que seus ancestrais haviam construído. No Cap. V, "Abraão Lincoln e o mito do *self made man*" (pág. 93), um dos melhores do livro, o autor caracteriza a política de LINCOLN como destinada a estabilizar a sociedade e impedir mudanças indesejáveis, agindo sempre no sentido de restaurar a União, preservando para o homem comum o controle do governo e a proteção do trabalho livre. Por outro lado, é analisada a influência da personalidade de LINCOLN, sua vida pública, suas idéias políticas e sociais na configuração de dois mitos caros aos americanos, o do sucesso e o do *self made man*, tornando-se ele o grande modelo. Os dois capítulos que se seguem são talvez os mais interessantes. O Cap. VI, "Wendell Phillips: o patricio como agitador" (pág. 137), é uma inteligente reinterpretação de um líder político de primeira grandeza, extraordinário orador, inteiramente voltado para a causa abolicionista. Compreendendo que a simples libertação do negro sem direito à terra seria uma ilusão, empenhou-se com vigor em prol de terra, cidadania, educação e voto para o negro, o que lhe valeu ser colocado no rol dos agitadores extremados e irresponsáveis, sendo repellido pela classe dominante, isolado como perigoso devido às suas idéias trabalhistas e "socialistas", caricaturado na historiografia tradicional. O Cap. VII, "Os políticos oportunistas: uma era de cinismo" (pág. 164), apre-

senta-nos em suas grandes linhas os ideais políticos da era dos grandes capitães de indústria, durante o surto do capitalismo industrial que acompanhou a "reconstrução", permitindo assim aos ideais políticos um interesse renovado quanto ao presente e ao futuro, tal como nos primeiros tempos da história da República. Os capítulos que se seguem, exceto o último, abordam expoentes de uma época em que cada vez mais o passado volta a constituir o modelo por excelência. Assim, o Cap. VIII, "William Jennings Bryan: o democrata como evangelizador" (pág. 186), é uma análise do ideal progressista democrata, o mesmo podendo ser dito do Cap. X, "Woodrow Wilson: o conservador como liberal" (pág. 238), enquanto o ideal progressista republicano é estudado no Cap. IX, "Teodoro Roosevelt: o conservador como progressista" (pág. 206). Todos êles expressões da classe média, cada qual à sua maneira, comprometidos em maior ou menor escala com a alta finança e a grande indústria. Os dois últimos capítulos analisam a política e o pensamento de HOOVER e de ROOSEVELT. O Cap. XI, "Herbert Hoover e a crise do individualismo americano" (pág. 283), demonstra, segundo o autor, que HOOVER ainda representava, se bem que de maneira atenuada, aquele tipo de tradicionalismo acima mencionado, pois, embora acenando com um futuro brilhante, era no passado, através da tradição, que se poderia alcançá-lo. O Cap. XII, "Franklin Delano Roosevelt: o patricio como oportunista" (pág. 315), analisa, talvez com um certo ceti-

cismo, os novos caminhos abertos pelo *New Deal*, relegando ao passado a ortodoxia política, ousando inovar e arriscar em larga escala. Medidas inteligentes e oportunas, muito mais do que um plano friamente calculado e completo, eis o *New Deal*, segundo o autor, não sem um certo exagêro. Rompendo com o passado, mas não apresentando uma nova doutrina sistemática e consistente capaz de enraizar-se, ROOSEVELT fêz com que “despojados de um corpo de crenças coerente e plausível, os americanos se tornassem mais afeiçoados do que nunca à liderança pessoal dinâmica, como um substituto”, e isso “é parte do segredo da popularidade de ROOSEVELT e, após sua morte, do estado desmoralizado em que se encontra o liberalismo americano”.

Conclui o autor dizendo que o clima usual da política americana tem sido obscurecido pela preocupação em dar o primeiro plano aos conflitos superficiais entre interesses, permanecendo intactos os direitos da propriedade e o individualismo econômico, pilares das ideologias políticas americanas. O objetivo do livro é precisamente o de analisar a permanência de tais elementos, essa “fé central”, como diz o autor, através de variadas vicissitudes, adaptando-se a várias épocas e interesses, conservando-se sempre basicamente a mesma, pois toda a história americana processou-se até hoje sob a égide do capital industrial e seus correlatos: o sucesso, o poder material, a produtividade. As idéias hostis aos mecanismos básicos de produção ficam isoladas, restritas a dissidentes e intelectuais, en-

quanto que as idéias que os políticos práticos podem utilizar ficam restritas a uma estreita faixa. Acima e além do conflito temporal e local há um terreno comum, uma unidade de tradição política e cultural, base da civilização americana: nacionalista, isolacionista, individualista e capitalista. — *Francisco José Calazans Falcon.*

WALTER CAVANELO LANGSAM.
World History Since 1870.
American Book Company. New York, 1963.

Trata-se de uma larga informação histórica sôbre a evolução universal depois de 1870, escrita por um autêntico professor que exerce, inclusive, a presidência da Universidade de Cincinnati. Livro sério, baseado em abundante e moderna bibliografia, que lamentamos não incluir senão as fontes de língua inglesa, revela a serenidade e a dignidade de seu autor, que o elaborou com espírito liberto de paixão nacionalista ou ideológica, para manter o equilíbrio que devemos exigir de quem trabalha num campo tão vasto e tão perturbador como êsse da história contemporânea.

Há nesse livro, para exemplificar, bons capítulos sôbre a Liga das Nações e a Organização das Nações Unidas, bons porque pon-do ao vivo o que essas organizações realmente produziram ou produzem para o bem universal. Também mereceram uma referência especial as notícias pormenorizadas sôbre o problema colouial e o esforço para realizar-se o ideal da África para os africanos e Ásia para os asiáticos. Nesse particular,

a obra é bastante rica e assegura perfeito conhecimento do que é a história atual da partilha daqueles Continentes e de sua libertação.

Já não afirmamos o mesmo com relação à América Latina, sobre que o professor LANGSAM não me parece muito abundante. Ao contrário, é bastante parco. E se é certo que destaca sempre a presença do Brasil, sem ignorar o que representamos como unidade histórica, nem sempre nossa presença é representada com soma maior de dados esclarecedores. As sínteses muitas vezes impedem a idéia exata dos fatos.

É de assinalar-se, por fim, que o papel da Igreja, do Vaticano, não vem ressaltado. Falha e grande em trabalho ambicioso e realmente bem feito como êsse, falha para a qual não podemos encontrar razões que a justifiquem, pois que não se sente no autor qualquer sentimento de agnosticismo. Sempre que situa o problema religioso fá-lo com liberdade, propondo-o, porém, no campo da criação espiritual, do pensamento filosófico e nunca como ação pragmática, visando às multidões, aos problemas do dia a dia, às realizações na área política. O papel do Vaticano, por exemplo, nesse campo é ignorado. Insistimos, portanto, na conclusão — trata-se de uma falha que não tem explicação. — *A.C.F. Reis.*

KIMBALL YOUNG e RAYMOND MACK. *Principles of Sociology*. American Book Company. New York. 376 págs. 1962.

Não se trata propriamente de um tratado ou mesmo de uma in-

trodução à sociologia, mas de uma coleção de "leituras" que poderão ser usadas por alunos de um curso introdutório de sociologia. Tais *readers* são abundantes na literatura sociológica americana e cada nôvo professor tem a tentação de oferecer aos seus discípulos uma série de textos que julga fundamentais para a compreensão dos conceitos básicos da sociologia. O perigo é a proliferação de volumes que diferem apenas em elementos totalmente secundários, evidenciando freqüentemente um trabalho muito superficial de seleção e originalidade.

Em relação ao volume que examinamos agora notamos o seguinte: os trechos apresentados foram extraídos quase que exclusivamente de revistas de sociologia americanas, publicados entre 1950 e 1960. O critério de seleção foi de escolher artigos que descrevessem pesquisas significativas que tivessem contribuído para a construção e ampliação das assim chamadas "teorias de alcance médio". Os trechos estão agrupados de acordo com a seguinte divisão: introdução, em que se estuda a noção de sociologia como ciência; as relações sociais; organização social, instituições sociais, dinâmica social.

O mérito do volume é justamente êste: o aluno dispõe em um volume de uma resenha das principais pesquisas feitas, na década assinalada, nos E.E.U.U., pesquisas que se enquadraram num esforço de sistematização teórica. Neste sentido poderá ser útil instrumento de trabalho para os professores de métodos e técnicas de pesquisa. A diversidade de ambientes e dos

modelos empregados não oferecem obstáculo ao seu emprêgo por estudantes brasileiros, pois constitui fonte de comparação e de sugestão para o estabelecimento de válidas hipóteses em pesquisas análogas. Pensamos, porém, que o uso do volume deverá ser sempre complementado por um curso de sociologia sistemática.

Compreendemos que o volume seja um instrumento de trabalho para cursos elementares de sociologia e que tenha uma finalidade didática, mas cremos que isto não justifica a mínima parcela de trabalho por parte dos editôres. As leituras são resumidas, não reproduzidas na íntegra, sem que se justifique a omissão de certos trechos; por outro lado, não existe nenhum esforço por situar a pesquisa num contexto conceitual. Tal esforço de sistematização aparece apenas no índice do volume, mas freqüentemente duvidamos da razão de inclusão de tal ou qual artigo em capítulos como organização social, ou instituição social. Nenhuma nota ou observação por parte dos editôres acompanham os artigos. Em suma, temos uma série de trechos nos quais foram feitos cortes substanciais e resumos sem que se apresente a razão disso. Para o estudante americano que poderá facilmente consultar o original êste fato não tem muitas consequências, mas para nossos estudantes, que não dispõem freqüentemente de boas bibliotecas especializadas, tal deficiência é grave e torna mais problemático o uso do volume.

As leituras apresentadas se referem quase que exclusivamente aos aspectos estruturais da socie-

dade. Num volume de 375 páginas (incluindo índices) menos de 30 páginas são dedicadas à dinâmica social, e assim mesmo destas trinta a metade se refere a assuntos de desorganização social.

Em relação aos problemas de dinâmica temos reproduzidos apenas três artigos, um que objetiva o exame da correlação entre mobilidade social e formas de direção de empresas; outro examinando pesquisas de liderança política e um terceiro verificando a correlação entre o sistema de *status* e autoridade em organizações militares. Isto evidencia que a perspectiva dos autores na seleção dos trechos, em relação aos problemas de dinâmica social, foi por demais limitada.

Estas restrições não invalidam a utilidade do volume como índice de investigações significativas realizadas nos E.E.U.U. por parte de sociólogos profissionais. — *R. Ozanam de Andrade, S. J.*

HUBERT BONNER. *Social Psychology*. American Book Company. New York, 1953. 439 págs.

O subtítulo dêste volume poderia ser: psicologia social antropológica, isto é, o autor manifesta a grande influência dos estudos de antropologia cultural, principalmente dos volumes de MARGARET MEAD, sobre a psicologia social.

A perspectiva do volume é sociológica e culturalista. Com isto queremos dizer que apenas de longe aparece a influência de WATSON, KURT LEWIN ou dos partidários da psicologia "gestaltista". COOLEY e G. H. MEAD são comentados freqüentemente.

Sendo uma reação contra certas escolas, o autor busca mostrar que o estudo da psicologia social deve ser necessariamente interdisciplinar, porém sua insistência em demonstrar como o comportamento individual é determinado pelas condições da sociedade e cultura, faz com que se demore bastante na análise destas condições sociais, fazendo com que seu volume seja mais um livro de sociologia ou antropologia do que propriamente de psicologia social.

Devemos reconhecer que BONNER foi dos primeiros autores a escrever um tratado de psicologia social que incorporou os dados da sociologia e antropologia cultural americana. Depois dele outros autores desenvolveram esta linha com maior riqueza de documentação e maior variedade de exemplos, mas talvez sem a sistematização de BONNER. Neste sentido uma comparação entre KLINEBERG e BONNER, que compartilham a mesma perspectiva, revela no primeiro maior amplitude de documentação, mas ausência de idéia diretiva, sendo assim uma espécie de ecletismo enciclopédico, ao passo que BONNER, menos amplo em sua documentação, é mais rigorosamente fiel à escola do assim chamado "interacionismo simbólico".

Recomendamos o volume para quem desejar uma introdução bem simples, fácil mesmo, aos estudos de psicologia social. O estudante dispõe de um volume em que as definições são dadas com clareza, em que cada capítulo é seguido de um resumo, o que facilitará eventuais preparações de exame. Porém esta simplicidade e facilidade constituem uma vantagem e um in-

conveniente, pois poderão induzir a uma visão por demais sumária dos fatores que formam a personalidade. Um exemplo desta visão sumária do livro é o capítulo que trata de personalidade de base ou caráter nacional. Cremos que o autor leva muito longe sua confiança na possibilidade de se descrever povos ou culturas com traços gerais psicológicos e se aventura mesmo a fazer uma descrição do caráter japonês, alemão e americano. Sabemos das dificuldades metodológicas que existem para examinar culturas simples e primitivas sob o aspecto psicológico e os estudos de KARDINER demonstram isto. A dificuldade cresce quando se trata de culturas modernas, industriais, onde podemos discernir diversas camadas, classes, níveis de estratificação. Mesmo concedendo a existência de um "caráter nacional", temos a impressão de que a psicologia ainda deverá forjar os conceitos e instrumentos que possam medir e qualificar com objetividade os traços básicos da personalidade de um povo ou cultura.

Em síntese: volume elementar de introdução aos estudos de psicologia social, mas que poderá e deverá ser complementado pelo exame de estudos posteriormente publicados que em muitos pontos retificam as posições por vezes simplistas do autor. — R. Ozanam de Andrade, S. J.

As Enciclicas Sociais de João XXIII. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 1963, 2 vols., 681 págs.

O lançamento que acaba de ser feito pela Livraria José Olympio

Editôra é centrado principalmente na Encíclica *Mater et Magistra*, cujo texto, tradução e comentários compreendem todo o 1.º volume e boa parte do 2.º volume, num total de 575 páginas. A parte dedicada à *Mater et Magistra* contém um prefácio à edição por S. Eminência D. CARLOS CARMELLO DE VASCONCELOS MOTTA, a tradução de um texto do Cardeal G. B. MONTINI, hoje PAULO VI, intitulado "Ler e entender a *Mater et Magistra*", uma alocução de João XXIII, de 14 de maio de 1961, na qual o saudoso Papa anunciava aos trabalhadores de todo o mundo a próxima publicação da encíclica. Nas páginas seguintes, D. VICENTE ZIONI, Bispo auxiliar de São Paulo, fixa os traços biográficos de João XXIII. O autor da tradução e comentários introduz depois uma explicação sobre a natureza do trabalho. Vem a seguir uma longa e lúcida introdução às encíclicas, da autoria do Prof. ALCEU AMOROSO LIMA. Começa então o texto da *Mater et Magistra*, texto latino, dividido em parágrafos, com a respectiva tradução seguida de comentários e observações, numa primorosa apresentação tipográfica. Esta parte da obra se estende pelo 2.º volume, levando anexa uma bibliografia dos comentários. As últimas 100 páginas da obra são ocupadas com o texto português da *Pacem in Terris*, na versão poliglota, precedida de uma breve introdução do Prof. ALCEU AMOROSO LIMA, tendo como apêndice as mensagens da Comissão Central da Conferência dos Bispos do Brasil. Encerram o trabalho uma série de indi-

ces referentes à *Mater et Magistra* e um índice onomástico geral.

O grande mérito desta obra que diríamos monumental, cabe ao Prof. LUÍS JOSÉ DE MESQUITA. Fê-lo o autor não só da compilação geral do trabalho, para a qual contou com o prestígio e a compreensão de uma de nossas mais dinâmicas editôras, como também e principalmente da tradução da *Mater et Magistra* e dos respectivos comentários. Com isto, êle brindou a bibliografia nacional com uma obra que, quanto sabemos, não tem rival no mundo. Na tarefa de tradutor, podendo inclusive se beneficiar de outras traduções vernáculas, LUÍS JOSÉ DE MESQUITA se revela um mestre nos dois movimentos essenciais de isolar com exatidão o pensamento original e vasá-lo com fidelidade em moldes vernáculos. No trabalho de comentarista notamos apenas que a seleção qualitativa das referências tenha sido um pouco sacrificada ao enorme esforço de erudição e à preocupação de uma compilação exaustiva. Lastimamos enfim que o trabalho realizado sobre o texto da *Mater et Magistra* não tenha sido repetido com relação à *Pacem in Terris*. É verdade que o autor teve a preocupação de aproveitar esta última encíclica como uma das fontes no comentário da *Mater et Magistra*. Receamos contudo que êste mesmo fato induza o leitor em um erro de perspectiva, como se a *Mater et Magistra* constituísse a síntese completa do pensamento de João XXIII, da qual a *Pacem in Terris* seria mais uma explicitação autorizada, quando na verdade a última encíclica social do gran-

de pontífice, sob muitos aspectos, é uma superação da primeira, especialmente no esforço de se situar na perspectiva dos povos subdesenvolvidos. — *Pe. Fernando Bastos de Avila S. J.*

THEODORE DRAPER. *Castro's Revolution Myths and Realities*. Frederick A. Praeger Inc., New York, 1962.

A parte principal do livro é formada por três artigos de THEODORE DRAPER, que apareceram em diferentes publicações. O primeiro artigo, "As Duas Revoluções", é uma tentativa de reconstrução dos acontecimentos relacionados com a revolução cubana, que possibilitasse uma revisão crítica dos livros aparecidos até fins de 1960 acerca dessa revolução; o segundo artigo focaliza a fracassada invasão de abril de 1961, e nêle o autor tenta esclarecer quais seriam as contingências e as principais forças em ação e as conseqüências do evento; o último, escrito em fins de 1961, quando Cuba é oficialmente transformada em Estado marxista-leninista, procura traçar os caminhos seguidos por CASTRO até sua aberta confissão de conversão ao comunismo.

O livro tem ainda três apêndices: o primeiro dêles é uma carta do autor a uma publicação inglesa esclarecendo seus pontos-de-vista que haviam sido distorcidos por essa revista; o segundo é constituído pela correspondência trocada entre o autor e HERBERT L. MATHEWS, editor do *The New York Times*, na qual ambos tentam clarificar seus pontos-de-vista e suas divergências. O último

apêndice, escrito após o discurso de FIDEL CASTRO em 26 de março de 1962, trata da denúncia do líder cubano comunista ANÍBAL ESCALANTE, feita nesse discurso, e do relacionamento do Partido Comunista Cubano com a revolução de CASTRO, considerando o caso de ESCALANTE apenas uma parte dentro de uma manobra de muito maior envergadura empreendida pelo regime de FIDEL, procurando um equilíbrio de forças, uma maior base de massa, e recapturar um certo *glamour* do Fidelismo dos primeiros momentos revolucionários.

DRAPER lança mão de discursos, acontecimentos e documentação nos quais basear sua análise e suas críticas aos "criadores de mitos" em torno da Revolução Cubana. De maneira sistemática procura expor e discutir os "mitos", oriundos (citando uns principais) de JEAN PAUL SARTRE, PAUL SWEEZY e LEO HUBERMAN. C. WRIGHT MILLS, NATHANIEL WSYE, CLAUDE JULIEN. Esses mitos são relativos ao caráter da revolução camponesa ou proletária; se Castro fêz a revolução que prometera; se CASTRO sempre fôra comunista que se disfarçara por conveniência; quanto ao caráter da sociedade cubana antes da revolução.

Segundo DRAPER, MILLS, SWEEZY e outros exageraram e distorceram o caráter da sociedade cubana pré-revolucionária. Embora a economia cubana fôsse precária por depender das flutuações de mercado de uma monocultura de exportação, mesmo assim Cuba estava longe de ser o mais subdesenvolvido dos países latino-americanos; era desigualmente desenvol-

vido, o desenvolvimento marcadamente a favor das zonas urbanas; tampouco era um país essencialmente rural, com 57% da população em zonas urbanas.

O autor define a revolução cubana como uma "variante da família comunista das revoluções", e considera o socialismo cubano como oriundo das próprias deficiências da classe média. Essa variante está relacionada com os movimentos nacional-revolucionários (como os de Gâna e Guiné, além de Cuba), em que os comunistas chegam ao poder, ou pretendem chegar ao poder, em duas etapas: primeiro o movimento nacional-revolucionário ganharia o poder, e depois os comunistas se apoderariam do poder dentro desse movimento nacional-revolucionário preenchendo um vácuo político e social do momento pós-revolucionário.

Os movimentos nacional-revolucionários são mais capazes de conseguir a união nacional contra um inimigo comum, do que de elaborar um programa político e social; tal programa será suprido pelos comunistas numa etapa ulterior. Seus pontos fracos os fazem vulneráveis aos comunistas, e seu poder de atração e coesão das massas os faz indispensáveis aos mesmos.

No caso de FIDEL, DRAPER diz que "foi lançado no poder de repente e inesperadamente, sem um partido, exército ou programa de fato. Na luta pelo poder, êle não havia manifestado quaisquer idéias políticas ou econômicas originais e havia ficado bem dentro dos limites do idioma e da reforma democrática tradicional em Cuba. Di-

feria dos outros inimigos de BATISTA principalmente nas táticas que estava disposto a empregar, na sua confiança na luta com armas e sua vontade de organizá-la. Mas, uma vez detentor do poder, recusou qualquer coisa que viesse restringi-lo ou diminuí-lo. Não toleraria o funcionamento de um governo que não fôsse mera fachada para seu domínio pessoal ou de um partido que pudesse desenvolver uma vida própria. Desde o início houve uma incompatibilidade entre as suas promessas e o seu poder, e essa contradição forçou-o a procurar a base para o seu regime totalmente em desacôrdo com o da revolução anti-Batista. Êle não tinha os quadros experimentados, a ideologia, e o apoio internacional para mudar de revolução à vista de todos. Só os comunistas cubanos e russos podiam prover o que faltava. Mas êle só serviria aos comunistas com a condição de os comunistas parecerem estar servindo a êle".

Quanto ao fracasso da Baía dos Porcos, o autor faz um exame da política americana e da política dos exilados cubanos nos Estados Unidos, o que envolve um estudo das lutas entre facções de exilados cubanos, e outro estudo das circunstâncias nas quais as decisões foram tomadas pelo lado americano. Havia tôda uma gama de pensamento político entre os exilados cubanos, que eram desde participantes no regime BATISTA, até membros do Movimento 26 de julho desiludidos com CASTRO, passando por profissionais liberais, professôres e ricos amedrontados. Em função de sua origem, cada grupinho de exilados favorecia um

tipo de ação em relação a Cuba. Do lado americano, a época era a de transição da administração de EISENHOWER; durante muito tempo não se decidiu nada, e quando se tomou uma decisão foi de um caráter híbrido que não podia ser eficiente.

O ponto crucial para DRAPER foi se ter dado prioridade absoluta à força de invasão e ignorado as forças internas do *underground* anticomunista. Só haveria possibilidade de sucesso neste caso se a força de invasão fôsse em grande escala. Mas se a administração de EISENHOWER não havia dado a prioridade ao *underground* (a favor do qual os exilados optavam mas não tinham forças e coesão para levar a efeito), a administração KENNEDY vetou a intervenção em larga escala.

A invasão ofereceu a FIDEL a oportunidade de declarar formal e oficialmente o caráter socialista da revolução cubana. Mas foi apenas o pretexto, porque "um líder revolucionário... se realmente dedicado a uma nova ordem social diferente do capitalismo e do comunismo, não resiste a um capitulando ao outro com a rapidez de uma operação mecânica".

Se CASTRO e seu grupo estivessem simplesmente reagindo contra os Estados Unidos, cuja política os forçava em uma direção que não era desejada nem por CASTRO nem pelos Estados Unidos, então fica FIDEL sem qualquer mérito, pois não teria controle sobre sua própria revolução. Circunstâncias externas, como a invasão, podem ter influenciado os métodos e o *timing* de CASTRO, mas não a na-

tureza da revolução, nem a sua orientação. "A verdadeira falha da política americana foi a esterilidade e a omissão — se não jogou CASTRO nos braços do comunismo, pouco fez para tornar difícil a ele ir para onde desejava".

Para DRAPER o ponto de inflexão da revolução, que marcou inapelavelmente seu caráter comunista, foi antes de qualquer tomada de atitude positiva dos Estados Unidos, em outubro de 1959, a prisão e o posterior julgamento de HUBERT MATOS (comandante militar da província de Camagüey, que se havia juntado a CASTRO em Sierra Maestra em março de 1958); e isto não teve nada a ver com a ação dos americanos, ou com o aumento da tensão entre os dois países: a raiz desse acontecimento estava no crescente atrito entre o Movimento 26 de julho e o Partido Comunista.

Vistoriando os acontecimentos em Cuba durante 1961, DRAPER conclui que a adoção do marxismo-leninismo como ideologia oficial, a natureza do novo partido, e a fusão do fidelismo com o comunismo, já estavam esboçados meses antes do discurso de FIDEL em 1 de dezembro de 1961. Analisando esse discurso, o autor cita trechos procurando preservar ou reconstruir o contexto geral. Segundo ele, CASTRO estaria dividido entre a "vontade de repudiar o seu passado para se aproximar dos comunistas e o desejo de salvar seu passado para preservar sua liderança revolucionária". Tentando uma tarefa segundo ele quase desesperadora, DRAPER resume esse discurso e os subsequentes em quatro elementos principais: "1.º)

diferenças políticas e práticas separavam CASTRO dos comunistas oficiais pelo menos até parte de 1959; 2.º) êle passou-se de armas e bagagens para os comunistas não só como resultado de pressões concretas depois da tomada do poder, como também de tendências latentes nêle que revertiam aos seus dias de universidade; 3.º) êle foi capaz de ganhar uma larga base na luta pelo poder precisamente porque não havia sido conscientemente um comunista; 4.º) êle deliberadamente escondeu suas tendências verdadeiras, enganou aquêles que nêle haviam crido, e traiu o que havia proclamado defender a fim de obter uma maior base de massa do que poderia ser obtida pelos comunistas”.

O livro é de leitura fácil, as críticas são procedentes. De uma maneira geral a reconstrução dos acontecimentos é boa, e sempre que faz citações, as procura situar no seu verdadeiro contexto. O esforço por realizar uma análise objetiva dos fatos revela no autor um grande espírito de independência intelectual e faz de seu livro um documento indispensável para quem quer que no futuro deseje estudar a revolução cubana. — *Ina Dulra.*

PETER PARET, JOHN W. SHY. *Guerrillas in the 1960's*, 2.ª edição; CHE GUEVARA. *Guerrilla Warfare*, com introdução do Major HARRIES CLICHY PETERSON. Edições da Frederick A. Praeger. New York, 1961, 1962.

A guerrilha é um assunto de escaldante atualidade. É o tema central dos dois trabalhos que ana-

lisamos. No primeiro, os autores estudam a função defensiva da guerrilha, historiando ao mesmo tempo as diversas experiências históricas e os estudos redigidos a respeito. No segundo capítulo, examinam a função ofensiva da guerrilha e a evolução do que se pode chamar a teoria da guerrilha sob a influência das experiências de inspiração comunista. O capítulo III é dedicado à contra-guerrilha e para esta análise os autores se referem expressamente à experiência cubana e ao trabalho de GUEVARA que procurou resumir os resultados dessa experiência. O último capítulo é dedicado ao estudo da política americana no que se refere às funções ofensiva e defensiva da guerrilha e à tática da contra-guerrilha.

O segundo livro a que nos referimos contém uma tradução inglesa do panfleto de GUEVARA precedida de uma análise técnica do Major PETERSON, do Corpo de Fuzileiros Navais.

O que resulta da leitura desses dois trabalhos e da análise da extensa bibliografia que finaliza o primeiro dêles, é a impressão da excepcional importância que a guerrilha assume na estratégia militar. Porque a guerrilha não é apenas uma operação estritamente militar, mas lança mão de recursos psicológicos e sociais que a guerra convencional desconhecia. Costuma-se dizer que os exércitos das diversas nações no seu treinamento tático estão sempre atrasados de uma guerra. Não há a menor dúvida que a guerrilha representa hoje a mais eficaz e mais sutil estratégia que poderá surpreender os exércitos mais disciplinados e mais

em dia com as técnicas militares convencionais. A conclusão que se depreende dos dois trabalhos analisados é que as forças armadas são obrigadas a introduzir uma

preparação específica para a guerra revolucionária, sob pena de chegarem atrasadas quando tiverem de se defrontar com a guerrilha. — F.B.A.

OUTROS LIVROS RECEBIDOS

Além dos livros comentados nesta seção, foram também recebidos os que figuram na relação abaixo. Ao assinalá-los à criteriosa atenção dos nossos leitores, apresentamos aos autores e editores os melhores agradecimentos da redação da revista, pela gentileza da remessa.

Ciências Políticas

WOLFGANG LEONHARD. *The Kremlin since Stalin*. Frederick A. Praeger. Nova York, 1962. 403 págs.

GEORG VON RAUCH. *A history of Soviet Russia*. Frederick A. Praeger. Nova York, 1962. 524 págs.

ARNOLD C. BRACKMAN. *Indonesian communism*. Frederick A. Praeger. Nova York, 1963. 336 págs.

VÁRIOS AUTORES. *Russia under Khrushchev*. Frederick A. Praeger. Nova York, 1962. 660 págs.

GUSTAVO CORÇÃO. *Patriotismo e nacionalismo*. Ed. Presença. Rio de Janeiro, 180 págs.

SUZANNE LABIN. *A guerra política*. Ed. Presença. Rio de Janeiro. 67 págs.

CHARLES JOURNET. *A doutrina da "Cidade"*. Ed. Presença. Rio de Janeiro. 30 págs.

C. J. DE ASSIS RIBEIRO. *Reforma constitucional*. Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais. Rio de Janeiro, 1963.

VÁRIOS AUTORES. *Latin America: Evolution or explosion?* Dood

Mead & Company. Nova York, 1963. 277 págs.

C. NEALE RONNING. *Law and politics in Inter-American diplomacy*. John Wiley & Sons. Nova York, 1963. 167 págs.

AMITAI ETZIONI. *The hard way to peace*. Collier Books. Nova York 1962. 285 págs.

MICHEL SCHOOYANS. *O comunismo e o futuro da Igreja no Brasil*. Editora Herder, 1963. 96 págs.

Sociologia

ESTANISLAU FISCHLOWITZ. *Proteção social à família*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1963. 379 págs.

IRENE DE MELLO CARVALHO. *Introdução aos estudos sociais*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1962. 186 págs.

NABUCCO LOPES. *Ensaio sobre alimentação regional*. Departamento Estadual de Cultura. Maceió, 1962. 147 págs.

HELMUT SCHELSKY. *Einsamkeit und Freiheit*. Rowohlt. Munique, 1963.

VÁRIOS AUTORES. *Les conflits de générations*. Presses Universi-

- taires de France. Paris, 1963. 190 págs.
- WALDEMAR VALENTE. *Misticismo e religião*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1963. 120 págs.
- PAULO DOURADO DE GUSMÃO. *Teorias sociológicas*. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1962. 306 págs.
- MANUEL FOYACA, S. J. *Crisis en nuestra America*. Instituto de Acción Social. Flórida, 1963. 27 págs.
- Ciências Econômicas**
- MAXIME GRANSDOREFF. *Introduction à l'étude de l'économie expérimentale*. Institut de Sociologie. Bruxelas, 1962. 267 págs.
- JOSÉ FRANCISCO DE CAMARGO. *Níveis de desenvolvimento de uma economia e sua abordagem política*. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1962. 350 págs.
- VÁRIOS AUTORES. *Impacto da ação do Governo sobre as empresas brasileiras*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1963. 222 págs.
- NOVA YORK. NACIONES UNIDAS. *Estudio económico mundial — 1961*. Nações Unidas, Nova York, 1962. 215 págs.
- THE ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. O. E. C. D. Publications. Paris, 253 págs.
- MEYER STILMAN. *O comércio varejista e os supermercados na cidade de São Paulo*. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1962. 2 vols.
- LOUIS J. WALINSKI. *The planning and execution of economic development*. McGraw-Hill Book Company, Inc. Nova York, 1963. 248 págs.
- JOÃO CAMILLO DE OLIVEIRA TÔRRES. *Desenvolvimento e justiça*. Editora Vozes Limitada. Petrópolis, 1962. 191 págs.
- Vários Assuntos**
- VÁRIOS AUTORES. *Temas de pedagogia universitária*. Imprenta de la Universidad. Santa Fé, 1962. 498 págs.
- JEAN XXIII, Pape — *Encyclique Pacem in Terris*. SPES. Paris, 1963. 304 págs.
- VÁRIOS AUTORES. *El problema educacional del pueblo de Chile*. Editorial del Pacífico S. A. Santiago de Chile, 1961. 192 págs.
- CÂNDIDO PROCÓPIO FERREIRA DE CAMARGO. *Curso de educação social e cívica*. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1963. 239 págs.
- OSWALDO DE BARROS SANTOS. *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional*. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1963. 227 págs.
- ARMANDO DE OLIVEIRA ASSIS. *Compêndio de seguro social*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1963. 245 págs.
- VÁRIOS AUTORES. *The population dilemma*. Prentice-Hall Inc. Englewood Cliffe, 1963. 188 págs.
- LAURO DE OLIVEIRA LIMA. *A escola secundária moderna*. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1962. 404 págs.